Elizabeth Bishop – Sonho de verão

Aquele cais afundado
recebia poucos barcos.
Lá viviam dois gigantes,
uma anã, um retardado,

um lojista, que toda a manhã
cochilava em seu balcão,
e a simpática senhoria –
a costureira dela era a anã.

O retardado passava o dia
colhendo amoras, para distrair-se,
mas depois as jogava fora.
A costureira miúda sorria.

Nossa pensão, à beira-mar,
azul como uma cavalinha,
era riscada, feito o rosto
de quem acabou de chorar.

Gerânios extraordinários
transbordavam das janelas,
e no assoalho reluziam
linóleos de tipos vários.

À noite a gente escutava
o pio do mocho-orelhudo.
À luz do lampião de óleo
o papel de parede brilhava.

A senhoria simpática
tinha um filho, um gigante gago,
que subia a escada recitando
trechos de uma velha gramática.

Vivia emburrado, o sujeito,
mas a mãe dele era alegre.
O nosso quarto era frio,
e o colchão de penas, estreito.

No escuro, a gente acordava
com o riacho sonâmbulo
que, desaguando no mar,
em voz alta, ainda sonhava.

Elizabeth Bishop, Poemas escolhidos